

Um uso muito particular da partícula *se*

Fernanda Beatriz Caricari de MORAIS ¹
PUC-SP/CNPq
caricari@terra.com.br

Resumo: Nesta pesquisa, analisa-se um conjunto de verbos cujo funcionamento ou significado varia quer ocorram com a partícula *se* ou não. A multiplicidade de funções é uma das características da partícula *se*, um dos problemas mais interessantes da língua portuguesa e de outras como Francês, espanhol e italiano. A base teórica, a Linguística Sistêmico Funcional de Halliday (1985, 1994, 2004), tem como foco a língua em uso e permite analisar as escolhas gramaticais do autor em textos (escritos ou falados) com base no contexto de cultura e de situação em que se realizam. A partir das condições contextuais, o falante organiza seus textos recorrendo às três metafunções da linguagem, das quais a que interessa, a este trabalho, é a ideacional responsável pelo uso da língua para falar sobre o mundo, tanto externo (coisas, eventos, qualidades, etc.), como interno (pensamentos, crenças, sentimentos, etc.). Pretende-se contribuir com os estudos sobre o uso dessa partícula em língua portuguesa e, também, subsidiar a elaboração de materiais didáticos e desenho de cursos instrumentais que visam atender a produção e compreensão escrita de artigos científicos.

Introdução

Este artigo se insere em um contexto mais amplo, o projeto SAL (*Systemics Across Languages*), projeto internacional que tem como objetivo apoiar pesquisas linguísticas que investigam a relação entre gramática e discurso em termos sistêmico-funcionais. Há pesquisas no SAL-Brasil que comparam aspectos do discurso científico e outras que comparam as diferenças linguísticas de diferentes áreas de conhecimento como Barbara & Macedo (2011).

O objetivo deste artigo é descrever e analisar um dos usos da partícula *se* em artigos científicos – o *se conversor*, em que determinados verbos podem ter seus significados alterados quando ligado à partícula. Para isso conta com o suporte teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta por Halliday (1985, 1994, 2004) e seus seguidores, que tem como foco a língua em uso. Os princípios teóricos da LSF permitem analisar as escolhas gramaticais feitas pelo autor em um texto (escrito ou falado) com base no ambiente situacional e cultural.

Na LSF, a perspectiva ideacional tem como foco o conteúdo da mensagem, o uso da língua para falar sobre o mundo, tanto externo (coisas, eventos, qualidades, etc.), como interno (pensamentos, crenças, sentimentos, etc.).

Thompson (1996:76-77) discute que para essa perspectiva, a língua contém uma série de recursos para se referir às entidades no mundo e nas maneiras que essas entidades atuam ou se relacionam com outras. A língua reflete a visão de mundo do falante/escritor, envolvendo ações/acometimento (verbos), coisas (substantivos), que podem ter atributos (adjetivos) e detalhes de lugar, tempo, etc. (advérbios).

Sabe-se que os usos da partícula *se* são variados e tem sido objeto de muitos trabalhos, como os Nunes (1991), Monteiro (1994), Bagno (2000), Camacho (2002,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL/PUC-SP) sob orientação da Profa. Dra. Leila Barbara.

2003), que discutem questões sobre a indeterminação, medialidade e passividade. No entanto, este artigo, com base na perspectiva ideacional, se concentra em um único tipo de uso, característico de um grupo limitado de verbos, em que um verbo pode ter seu significado alterado quando ligado à partícula, ou seja, o tipo de processo é alterado conforme o contexto em que está sendo usado. Como o verbo *dar* nos exemplos abaixo:

1. *A autonomia não se dá no âmbito da natureza reduzida ao em si de si mesmo... (25480).*

Nota-se que o verbo *dar* em 1 não tem significado de oferecer, como em *Não me nego em dar ajuda*, mas sim de *acontecer* ou, ainda de *estar* ou *ser*. Os exemplos criados abaixo também mostram o verbo *dar* com outros significados:

2. *Paulo e Pedro se dão bem.*

3. *Não dá para fazermos isso.*

Em 2, tem-se uma construção reflexivo-recíproca em que *dar-se bem* tem significado de ter bom relacionamento, isto é Paulo tem bom relacionamento com o Pedro e Pedro tem bom relacionamento com o Paulo. É diferente dos significados *acontecer*, *estar* ou *ser* permitido pela partícula *se* no exemplo 1 e, também, diferente do 3 em que *dar* tem um significado modal, com sentido de *pode* representando uma possibilidade.

Características como essas, em que a partícula *se* altera ou, ainda, converte o significado do verbo, são partilhadas por um conjunto de verbos que ocorreram no corpus de estudo, corpus do projeto SAL que contém 1225 artigos científicos de diversas áreas do conhecimento.

A observação desse conjunto de verbos em que o *se* permite alteração na categoria de processo de material/mental para relacional e/ou existencial possibilitou, neste primeiro momento, chamar esse uso em particular de *se conversor*.

Vale lembrar que, para este evento, optou-se por analisar apenas aqueles verbos que adquirem significado relacional (*ser*) como: *dar, fazer, tratar e apresentar*.

Compreender as funções que envolvem o uso do *se* parece ser um dos problemas lingüísticos mais instigantes da Língua Portuguesa. As controvérsias sobre a partícula *se* estão relacionadas com as características dos diferentes usos da partícula. Os tipos mais discutidos se referem à possibilidade do sujeito estar ou não indeterminado. Essa indeterminação também pode ser questionada, pois dependendo do contexto de ocorrência, a partícula pode fazer referência a qualquer pessoa (uso mais genérico) ou a um grupo de pessoas (mais pessoal), nesse caso o uso não é totalmente indeterminado. Esses tipos não são detalhados aqui, porém serão amplamente discutidos na pesquisa de doutorado citada.

O objetivo, deste artigo, é a descrição de um conjunto de verbos que não possuem construções relacionadas ao desfocamento de agente, passividade ou a uma referência genérica, mas que possuem papel importante na construção de artigos científicos, sendo usadas em descrições de acontecimentos ou avaliações de aspectos da pesquisa.

Além dos estudos citados sobre a partícula *se* na língua portuguesa, outros foram pesquisados em língua francesa, espanhola e italiana, como Suñer (2002), Cinque (1988), Ruwet (1972) e outros, porém não foram encontrados estudos que descrevam esse fenômeno que ocorre na língua portuguesa, com o conjunto de verbos em que o uso do *se* promove a alteração de significado do verbo e que analisam esses usos buscando as implicações no texto.

Este estudo, baseado em LSF, conta com o apoio metodológico da Lingüística de Corpus, que facilitou a observação e o encontro desse conjunto de verbos através da ferramenta computacional *Wordsmith Tools v. 5* (Scott, 2008). Essa ferramenta

permite o trabalho com uma grande quantidade de artigos científicos, tal como o corpus do projeto SAL. Dessa forma, os contextos de ocorrência são analisadas qualitativamente com base na Lingüística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) proposta por Halliday (1985, 1994, 2004) e seus seguidores, que tem como foco a língua em uso. É por meio dessa teoria de linguagem que as análises qualitativas são realizadas, buscando compreender o fenômeno *se conversor* em seu contexto de uso.

A Lingüística Sistêmico-Funcional como suporte teórico-metodológico

A teoria Sistêmico-Funcional, proposta por Halliday (1985, 1994, 2004), detalhada por seus seguidores (Matthiessen, 1995; Martin, 1992; Eggins, 1994; Caffarel, 2006; Thompson, 1996 e outros), é teoria sócio-semiótica da linguagem que parte do significado para suas representações lingüísticas em contextos específicos, base deste trabalho.

A abordagem funcional da linguagem investiga, antes de tudo, como a linguagem é usada, mostrando quais os propósitos de uso e como os usuários atingem esse propósito através da fala, da escrita, da leitura e da compreensão oral. Mas, significa mais que isso, significa explicar a natureza da linguagem em termos funcionais - como ela é “modelada” para o uso e de que forma a linguagem pode ser determinada pelas funções que envolvem seu uso.

A linguagem é compreendida como o resultado da relação entre semântica gramática como natural, e a gramática sendo recurso para construir significados, como está bem resumida na citação das palavras de (Matthiessen, 1995:7-8) feita em Caffarel (2006:4)

Grammatical categories are grammaticalizations of semantic ones; even categories such as Subject which have been claimed to be purely grammatical. (Such claims are reflection of one's approach to language, not of language itself.) In other words, both semantic and grammatical categories are categories of meaning... (Matthiessen, 1995:7-8).

A riqueza do texto, é entendida como unidade semântica e não apenas gramatical, um fenômeno rico, multi-facetado, que significa de diferentes maneiras e pode ser explorado de diferentes pontos de vista, utilizada para analisar aspectos da linguagem em sociedade, como enfatiza Halliday (2004:3), ao contrario de modelos formais que vêem o texto como objeto. O texto deve ser o ponto de partida da análise, ele é o recurso que os falantes utilizam ao cumprir seus propósitos sociais, construído a partir de recursos de sua língua.

A LSF investiga, conforme exposto por Thompson (1996:8), as escolhas e os tipos de significado se quer expressar; os tipos de ditos (*wordings*) que se usa para expressar determinado significado. Para identificar os significados das escolhas, é preciso voltar-se ao contexto e refletir:

- Na sociedade, o que determinada escolha pode dizer?
- Quais são os fatores contextuais que fazem um conjunto de significados mais apropriados o que outros?

Nessa abordagem, é preciso identificar as opções lingüísticas, isto é, possibilidades estruturais e lexicais que o sistema lingüístico oferece para o uso, e explorar o significado de cada opção expressa. Thompson (*op. cit.*) exemplifica essa perspectiva caracterizando-a como *bottom up* (de baixo para cima), das escolhas lexicais ao contexto.

O termo escolha não implica necessariamente em um processo de seleção consciente do falante. Para Thompson (1996:30), as escolhas podem ser inconscientes,

embora não sejam aleatórias e uma escolha pode determinar ou ser determinada por outra, dependendo dos elementos gramaticais que estão presentes no contexto.

Quando um texto (oral ou escrito) é produzido, são realizados três tipos de significado simultaneamente. Significados relativos à representação da experiência através da língua; significados relativos às representações de poder e solidariedade, atitudes em relação ao outro e os papéis sociais assumidos e significados relativos à organização do conteúdo da mensagem, relacionando o que se diz ao que foi dito. Na LSF, cada um desses tipos de significado está relacionado a uma metafunção da linguagem *ideacional*, *interpessoal* e *textual* (Halliday (1985, 1994, 2004).

Thompson (1996:28) ressalta que é importante compreender que cada uma das metafunções contribui igualmente para o significado da mensagem como um todo. Também é importante entender que cada uma das metafunções é expressa por diferentes aspectos na escrita/expressão em uma oração.

Para organizar estes tipos de significados ao mesmo tempo, a linguagem possui um nível intermediário de codificação, a léxico-gramática. É ela que possibilita a língua construir os significados que se realizam através das orações. Dessa forma, a descrição gramatical é essencial para a análise textual. Na LSF, a semântica está naturalmente relacionada à gramática. As metafunções são utilizadas como base na descrição e análise dos usos do *se conversor* em artigos científicos, com ênfase na metafunção ideacional que está ligada ao uso da língua para falar sobre o mundo, tanto externo (coisas, eventos, qualidades, etc.), como interno (pensamento, crenças, sentimentos, etc.), conforme descrição seguinte.

A metafunção ideacional – oração como representação

A metafunção ideacional da linguagem, também chamada experiencial, estuda a oração como representação, ou seja, estuda seu aspecto como um meio de representar padrões de experiência e reflete como o usuário fala sobre as ações, a situação, estados, crenças e circunstâncias (Halliday, 1994:107).

A oração tem um papel central, pois é nela que se incorpora um princípio geral de modelagem da experiência, que é o princípio de que a realidade é construída através dos processos, dos participantes e das circunstâncias.

Thompson (1996:76), com base em Halliday (1985, 1994), discute que a linguagem, na perspectiva experiencial, forma uma série de recursos para se referir às entidades no mundo de forma que, essas entidades atuem ou se relacionem umas com as outras. O autor simplifica dizendo que, a linguagem reflete a nossa visão de mundo, constituída por: processos, participantes e circunstâncias.

Na visão sistemicista, a impressão mais poderosa que temos da experiência é de que ela consiste de eventos (acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se). Todos esses eventos estão organizados na gramática da oração e, o sistema gramatical pelo qual isso é alcançado é o da transitividade.

De acordo com Halliday (1994), é o sistema da transitividade que constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de tipos de processo. O processo, os participantes e as circunstâncias constituem o sistema da transitividade. O primeiro é a ação ou estado propriamente ditos e representa-se por um grupo verbal. Os participantes são representados por grupos nominais ou pronominais. São aqueles que realizam as ações ou são afetados por elas. As circunstâncias representam-se por grupos adverbiais e sua função é de acrescentar informação (ões) às ações representadas pelos processos.

Halliday (1985:107), através de uma analogia com as cores do arco-íris, descreve os diferentes tipos de processo, em que o vermelho, o azul e o amarelo são cores primárias, enquanto o roxo, o verde e o laranja se formam nas bordas, como se eles fossem uma mistura das cores primárias. Dessa forma, tem-se os processos *materiais* como a representação da experiência externa (ações e eventos), são processos como *fazer* e *construir*, por exemplo. A representação da experiência interna (pensamentos, reações, estados de espírito) é realizada pelos processos *mentais*, como: *pensar*, *acreditar*, *gostar* e *sonhar*. A representação dos dizeres é realizada pelos processos verbais como *dizer*, *responder* e *afirmar*. Os processos *comportamentais*, como: chorar, tossir e dormir, são representações de comportamentos, manifestações de atividades psicológicas ou fisiológica das pessoas.

Os processos material, relacional e existencial são tratados em maiores detalhes por estarem relacionados com o tema desse artigo – o *se conversor*.

O processo material representa a experiência do mundo exterior; é o processo do *fazer*. Thompson (1996:79) o descreve como o processo mais saliente que envolve ação física: correr, cozinhar, sentar-se, etc. O que faz esse tipo de ação é chamado Ator e todo processo material tem um, mesmo quando ele não está mencionado na oração. Em muitos casos, a ação é representada afetando ou sendo feita a um outro participante, chamado de Meta. O exemplo abaixo mostra essa relação:

(NÓS)	<i>fizemos</i>	<i>uma apresentação do vinhedo...(25377).</i>
Participante	Processo	Participante

Há, ainda, outros participantes relacionados a esses processos, como: Escopo (entidade que existe de forma independente do processo e que não é afetada por ele), Recebedor e Cliente que podem ocorrer em contextos diversos e, na gramática tradicional, são chamados de objeto indireto.

O processo relacional pode ser descrito como aquele de *ser*. Esse não é o *ser* no sentido de existir, conforme o termo relacional sugere. Nas orações relacionais, há duas partes para o *ser* – algo é dito como sendo outra coisa, ou seja, uma relação está sendo estabelecida entre duas entidades separadas, como no exemplo:

<i>Essa situação</i>	<i>é</i>	<i>inconveniente (25974).</i>
<i>Portador</i>	<i>Processo relacional</i>	<i>Atributo</i>

Nessas construções, uma entidade tem algumas qualidades atribuídas a ela, a qualidade é rotulada de Atributo e a outra entidade a qual se atribui a qualidade é o Portador.

Os processos existenciais representam que algo existe ou acontece. As orações existenciais se assemelham as relacionais por terem o verbo *ser*, mas não possuem participantes como Atributos ou Identificadores, pois possuem apenas um único participante o Existente. Como o exemplo abaixo:

<i>O desbaste</i>	<i>ocorreu</i>	<i>aos oito dias após a emergência. (25932).</i>
<i>Existente</i>	<i>Processo existencial</i>	<i>Circunstância</i>

O que acontece nas orações existenciais, segundo Thompson (1996:101), é que o falante renuncia a oportunidade de se representar nos acontecimentos, é uma característica distintiva estrutural que promove um sinal de renúncia. A função de uma

oração existencial é anunciar a existência de algo, isso pode ser visto como uma maneira do autor observar, ao invés de participar do fluxo informacional do texto.

Com base nesses pressupostos teóricos, a LSF é utilizada para a análise qualitativa que é auxiliada por um instrumento computacional descrito em maiores detalhes no item a seguir - metodologia utilizada.

Metodologia utilizada

Os corpora

Para realizar esta análise, utilizou-se o corpus do projeto SAL com 1225 artigos científicos selecionados aleatoriamente da plataforma digital *www.scielo.br* que contém revistas científicas de diversas áreas.

Cada artigo foi salvo em um arquivo individual, foram excluídas: figuras, gráficos, quadros, palavras-chaves, *abstracts* e referências bibliográficas, por não serem objetos de pesquisa. O formato que os artigos foram gravados foi o *txt*, formato esse que permite a utilização do programa *WordSmith Tools* v. 5 (Scott, 2008). Para efeito de organização, os corpora foram divididos em pastas diferentes de acordo com a classificação de áreas usada pelo SciELO (*Scientific Electronic Library Online*): ciências agrárias, ciências biológicas, ciências da saúde, ciências exatas e da terra, ciências humanas, ciências sociais aplicadas, engenharias e linguística, letras e artes.

É importante destacar que foram selecionados apenas os escritos em português e publicados nos últimos dez anos. O quadro abaixo apresenta informações sobre o corpus:

Textos	1225
Total de palavras	5.176.335
Total de palavras diferentes	118.411
No. De orações	254.640

Quadro 1: Informações estatísticas do corpus.

O quadro acima foi retirado dos números estatísticos da ferramenta *wordlist* do programa *WordSmith Tools* v. 5 (Scott, 2008), que é apresentado em maiores detalhes a seguir.

A utilização das ferramentas do programa *WordSmith Tools*

O corpus foi submetido a um tratamento computacional possibilitado pela Lingüística de Corpus (LC), que se faz presente metodologicamente, nesta pesquisa, através de ferramentas do programa *WordSmith Tools* 5.0 (Scott, 2008).

Foram utilizadas duas das suas principais ferramentas para a análise: a lista de palavras (*wordlist*) e o concordanciador (*concordancer*). A primeira foi utilizada para organizar os corpora em listas das palavras. Elas podem ser ordenadas alfabeticamente ou pela frequência com que aparecem, começando pela palavra de maior frequência. Nesta mesma ferramenta, pode-se obter dados estatísticos dos textos: número de palavras (*tokens*) e de palavras diferentes (*types*), número de orações (*sentence*), etc. Essa ferramenta contribui tanto para a organização dos dados estatístico, como para a análise das palavras utilizadas com mais frequência.

As listas de concordância permitem estudar os contextos de ocorrência da palavra de busca *se* simultaneamente em todo o corpus. A análise desses contextos tem como base a Lingüística Sistêmico-Funcional, que é uma teoria de linguagem e um

método de análise de textos em seus contextos de uso permitindo entender como os indivíduos usam a linguagem e como a linguagem é estruturada em seus diferentes usos.

Procedimentos de análise

Como explicitado, o corpus foi submetido à ferramenta computacional *WordSmith Tools 5.0* (Scott, 2008). Primeiramente, foram levantados os contextos em que a partícula *se* ocorre, através da ferramenta concordanciador (*concordancer*).

Eliminou-se as ocorrências em que o *se* tinha função conjuntiva em orações condicionais e as construções em que o *se* tinha função reflexiva. Após essas exclusões, aplicou-se um teste nas demais ocorrências que consiste em fazer paráfrases com o mesmo significado. Dessa forma, foi possível agrupar as construções por semelhanças para analisá-las em conjunto, buscando um sistema que contemple suas características de uso.

Para facilitar a análise, na coluna *set*, nas listas de concordância, são marcadas números que correspondem a que grupo a ocorrência pertence – 1 (significados relacionais e/ou existenciais - *se conversor*) ou 2 (indeterminado), por exemplo. Vale lembrar que, para este artigo, somente as ocorrências que pertencem ao grupo *se conversor* são analisadas.

Dessa forma, o instrumento computacional serve como um facilitador para organizar e contabilizar o número de ocorrências. A metodologia quantitativa é usada, portanto, para servir de ponto de partida e complementar a análise qualitativa, baseada nos pressupostos da LSF, que procura ver o sistema lingüístico em termos de sua função na sociedade, portanto entendê-los nos seus contextos para entender as preferências e os significados dos usos e das características das comunidades que as utilizam.

Discussão e análise dos dados

Para entender os usos do *se conversor*, concordâncias com a partícula *se* foram feitas com o corpus desta pesquisa, o corpus do Projeto SAL, para observar o significado de cada ocorrência. Notou-se que parte delas se tratavam de verbos que normalmente tem significado material ou mental e adquirem outros significados quando ligados à partícula *se*.

Após observar os significados das ocorrências com os verbos: *dar, fazer, tratar e apresentar*, foi necessário quantificar os diferentes usos para organizá-los na tabela abaixo:

Verbo	Existenciais		Relacionais		2(E e R)		Indeterminação		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Tratar	0	0	1152	98,5	0	0	17	1,5	1169	100
Fazer	0	0	180	39	0	0	282	61	462	100
Dar	225	45	4	0,5	145	29	127	25,5	501	100
Apresentar	0	0	666	91,5	50	7	10	1,5	726	100

Tabela 1: Quantificação dos diferentes significados.

Vale lembrar que a coluna 2 representa os verbos que podem ter significados existenciais e relacionais. Para este trabalho, foram despresadas as ocorrências que tem significado indeterminado, ou seja, nesses casos não há significado relacional ou existencial, mas sim material sinônimo de *encontrar* e/ou *conseguir* e as construções podem ser parafraseadas para a passiva analítica, como o exemplo:

Com isso, **achou-se** o valor da velocidade média ascensional. (*enmars*).

Com isso, **foi achado** o valor da velocidade média ascensional.

As estativas foram consideradas mesmo as construções sem a marca prototípica *estar*, pois, no contexto em que ocorrem, os verbos *achar*, *encontrar* e *dar* tem significado de *estar* quando acompanhados da partícula *se* e do verbo no particípio passado, como no exemplo:

6. *O município de Araruna encontra-se situado a 23o 5 5' de Latitude Sul e a 52o 30' de longitude Oeste de Greenwich (25843).*

Essa construção equivale a:

6'. *O município de Araruna está situado a 23o 5 5' de Latitude Sul e a 52o 30' de longitude Oeste de Greenwich (25843).*

Ou ainda:

6''. *O município de Araruna está a 23o 5 5' de Latitude Sul e a 52o 30' de longitude Oeste de Greenwich (25843).*

É importante destacar que as construções estativas, assim como as passivas, não são tratadas neste artigo, mas em uma parte do capítulo de análise da tese².

Construções com significado relacional (ser)

As construções com os verbos *dar*, *fazer*, e *tratar* são as que possuem maior frequência relacional, porém essas construções se diferenciam no que diz respeito ao significado e ao uso.

O verbo *fazer* tem, em grande parte das ocorrências significado de *ser*. São, em geral, acompanhadas de *necessário*, *preciso* e *possível*, formando metáforas interpessoais que expressam o posicionamento do autor de forma não explícita. *Fazer + necessário* é a formulação mais freqüente com 81% das ocorrências relacionais e está relacionada à modulação como papéis de atuação que implicam em *obrigação* ou *inclinação*.

O quadro teórico adotado neste trabalho, a Linguística Sistêmico-Funcional, permite pensar que o escritor/falante tem infinitas maneiras de expressar sua opinião, mascarando o fato de ser sua própria opinião. (Halliday & Matthiessen, 2004:616). O fato do escritor/falante optar por uma configuração mais congruente ou não é, por si mesmo, significativo.

Acredita-se que ao usar construções como as abaixo, o autor expressa sua opinião de uma forma mais empacotada do que *é necessário* e, ainda, mais empacotada que *eu acho necessário que...* Este é um recurso ligado à impessoalidade exigida pelo gênero artigo científico, o que faz com que a construção metafórica seja preferida em oposição à mais congruente. As construções abaixo com *fazer* estão ligadas à modulação que implicam em obrigação:

1. *Faz-se necessário que a abordagem pedagógica vá um pouco mais além e enfoque também a questão da transparência ilocucionária e marcação pragmática para que prováveis tendências para a influência negativa interlingüística e a supergeneralização intralingüística possam ser minimizadas em prol de uma produção mais adequada pragmaticamente. (Idg086).*
2. *Faz-se necessário assim mostrar que a cura na clínica lacaniana é indissociável de um movimento de subjetivação que é necessariamente auto objetivação do sujeito em um campo estruturado... (25473).*
3. *Não poderia ser diferente diante da crescente globalização dos capitais, pois se faz necessário criar todo tipo de articulação que propicie uma real mundialização da luta e organização dos trabalhadores. (meioamb45).*

² Tese em andamento: "Os usos da partícula *se* em artigos científicos".

As ocorrências acima mostram o posicionamento do autor através do uso da modulação, o uso de *faz-se necessário* (a) com verbos pospostos é freqüente nos dados. Nessas ocorrências, o autor mostra seu posicionamento de maneira objetiva nas discussões do artigo científico podendo ser dirigido à área de trabalho, como as duas primeiras com o posicionamento do autor sobre aspectos das áreas educação e psicologia, respectivamente. Podem, também, exprimir opinião sobre os sindicatos de trabalhadores, tema tratado no artigo, ou sobre ações do governo de maneira geral (em 3).

Pode-se pensar que o autor partilha esses questionamentos com o leitor de seu artigo como uma forma de introduzir a discussão ou, ainda, argumentar para convencer o leitor a partilhar da sua idéia.

As construções do verbo *tratar* seguido de nomes, com significados relacionais, aceitam a paráfrase para o verbo *ser* sem alteração de significado. As ocorrências abaixo são utilizadas para identificar o trabalho desenvolvido:

4. *Trata-se, na verdade, de uma análise, dentro do arcabouço teórico gerativo, das propriedades sintáticas destes verbos, antes tratadas de maneira dispersa e não como subcategoria coerente e estruturalmente significativa dos verbos intransitivos. (Idg103).*
5. *... trata-se ainda de um trabalho de interpretação, mas que se pretende validar cientificamente pelo recurso às técnicas de quantificação que legitimarão a leitura de um texto. (Idg027).*
6. *Trata-se, em linhas gerais, de uma tentativa de complexificar os pontos de vista científico e analítico-interpretativo... (25458).*

Nessas construções, o participante (Identificador) é recuperável no contexto e, em geral, corresponde ao *trabalho*, ao *artigo* e a *pesquisa*. A relação dos participantes estabelecida nessas orações é entre o Identificador e o Identificado, que corresponde a *uma análise*, *um trabalho de interpretação* e *uma tentativa*. A ordem dos participantes pode ser alterada, sem alteração do significado.

Com o verbo *dar*, 29% das construções podem ter tanto o significado relacional, como existencial:

7. *A autonomia não se dá no âmbito da natureza reduzida ao em si de si mesmo, ou seja, enclausurada numa existência determinada. (25480).*
8. *A fase de expansão dos frutos se dá entre a quarta e a oitava semana depois da abertura floral (antese) até a décima quinta e a décima oitava semana. (25839).*
9. *Na escrita, a interação dá-se com um sujeito potencialmente ausente, ainda que desenhado como um interlocutor em potencial, cuja interação não ocorre durante o processamento do texto. (Idg018).*

Observa-se que as paráfrases nesses exemplos são com *ser*, *ocorrer* e *haver*:

- 9'. *Na escrita, a interação é com um sujeito potencialmente ausente....*
- 9''. *Na escrita, a interação ocorre com um sujeito potencialmente ausente....*
- 9'''. *Na escrita, há interação com um sujeito potencialmente ausente....*

Como pode-se notar o verbo *manter*, discutido anteriormente, permite mais paráfrases relacionais, porém não permite com o existencial *haver*, como o verbo *dar*.

As construções com *apresentar* acompanhadas de *se* (95,57%) também ocorrem no corpus com significado relacional, não importando o tempo verbal:

10. *O tempo de tratamento apresentou-se significativamente maior para o grupo que utilizou o aparelho Pendulum, quando comparado ao grupo com extrações de dois pré-molares superiores (Tab. 4). (odrdp15.6).*

11. *Como pode ser observado, o filme obtido se apresenta homogêneo, compacto, com estrutura globular. Observa-se também uma série de trincas no filme, produzidas durante o processo de secagem com jato de ar frio. (pol6).*
12. *Diferentemente, em relação às coletas mensais, os números de C. ribeirensis apresentaram-se significativos (p-valor=0,001). Dezembro foi o mês mais produtivo em comparação a todos os outros meses, com média de 16,5 exemplares na CDC-M/solo. (c.bio12).*

O significado de *apresentar*, nas ocorrências acima, é relacional e as orações atributivas são utilizadas para caracterizar e avaliar os resultados, nas sessões *discussão dos resultados* ou *conclusão*.

Referências Bibliográficas

- BAGNO, M. 2000. A “subversão herética” do ensino de língua. In: Bagno, M. *Dramática da Língua Portuguesa: tradição gramatical, mídia e exclusão social*. São Paulo: Loyola. pp. 219-250.
- BARBARA, L. & MACEDO, C.M.M. 2010. *Processos verbais em artigos acadêmicos: padrões de realização da mensagem*. In: Barbara, L. & Moyano, E. (org). *Textos e linguagem acadêmica*. Campinas-SP: Mercado de Letras.
- CAFFAREL, A. 2006. *A systemic functional grammar of french*. Londres: Continuum.
- CAMACHO, R. G. 2002. Construções de voz. In: Abarirre, M. B. & Rodrigues, S. C. A. (org). *Gramática do português falado*. vol. 8, pp. 227-316. Campinas: Editora Unicamp.
- CAMACHO, R. G. 2003. *Em defesa da categoria de voz média no Português*. D.E.L.T.A., vol. 19.1, pp. 91-122.
- CINQUE, G. 1988. *On si constructions and the theory of Arb*. Linguistics inquiry. V. 19, 4.pp. 521-581.
- EGGINS, S. 1994. *An introduction to Systemic Functional Linguistics*. Londres: Pinter Publishers.
- HALLIDAY, M.A.K.1985. *An Introduction to Functional Grammar*. London: E. Arnold.
- HALLIDAY, M. A. K. & MARTIN, J. R. 1993. *Writing science: literacy and discourse power*. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press.
- HALLIDAY, M. A. K. 1994. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.
- HALLIDAY, M. A. K. & MATTHIESSEN, C.M.I.M. 2004. *An introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold. Third Edition.
- MARTIN, J.R. 1992. *Context: register, genre and ideology. English text -systems and structure*. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Matthiessen C.M.I.M. 1995. *Lexicogrammatical cartography: English systems*. Tokyo, International Language Sciences Publishers.
- MONTEIRO, J. L. 1994. *A questão do se*. In: Monteiro, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza, EUFC.
- NUNES, J. 1991. *Se passivador e se indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro*. *Caderno de Estudos Lingüísticos*. pp. 33-59.
- RUWET, N. 1972. *Les constructions pronominales neutres et moyennes*. Théorie syntaxique et syntaxe du français. Paris: Seuil.
- SCOTT, M. R. 2009. *Wordsmith Tools versão 5.0*. Software for text analysis. Oxford: Oxford University Press.

SUÑER, M. 2002. *Las passives con se impessoal y la legitimación de las categorías vacías*. In: Lopes, C. S. 2002. *Las construcciones con se*. Madrid: Visor libros.